

Representação da maternidade e romantização da gravidez na adolescência em redes sociais

Portrayals of motherhood and the romanticizing of teenage pregnancy on social media

Representación de la maternidad y romantización del embarazo em la adolescência em redes sociales

DOI: 10.55905/rcssv14n6-003

Received on: Apr, 29th 2025

Accepted on: May, 19th 2025

Camilla Getro de Carvalho Aguiar

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: camillagetro@sempreceub.com

Gabrielly da Silva Lopes

Graduanda em Enfermagem

Instituição: Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: gabrielly.sl@sempreceub.com

Rayanne Emanuele de Andrade Silva

Residente em Enfermagem

Instituição: Secretaria do Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF)

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: rayanne.silva@sempreceub.com

Maria Eduarda Ferreira Galvão

Residente em Enfermagem

Instituição: Secretaria do Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF)

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: maria.galvao@sempreceub.com

Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação de

Enfermagem em Saúde Pública

Instituição: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo
(EERP - USP)

Endereço: Brasília, Distrito Federal, Brasil

E-mail: julliane.sampaio@ceub.edu.br

RESUMO

Este estudo analisa a representação romantizada da gravidez na adolescência em perfis de mães adolescentes no Instagram® e TikTok®. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na netnografia e na análise temática de conteúdo. Foram observados 18 perfis públicos de adolescentes entre 13 e 17 anos, com 52 postagens coletadas entre janeiro e abril de 2024. Identificaram-se três categorias principais: (1) estetização da maternidade idealizada, (2) narrativas de empoderamento e superação e (3) invisibilização das dificuldades maternas. As postagens constroem uma narrativa aspiracional da experiência materna precoce, com forte apelo emocional e visual, frequentemente dissociada das implicações sociais, econômicas e de saúde pública. As plataformas digitais operam como espaços simbólicos de afirmação identitária, nos quais predominam representações idealizadas de força e realização, em detrimento das vulnerabilidades. Embora alguns conteúdos revelem tensões e julgamentos, esses elementos são atenuados por discursos individualizantes que favorecem a aceitação sem análise crítica da gravidez precoce. Conclui-se que a romantização digital da maternidade adolescente dificulta a construção de uma compreensão crítica e contextualizada do fenômeno, reforçando normas sociais de gênero e expectativas maternas. Destaca-se a relevância de políticas públicas intersectoriais e ações educativas que promovam o letramento digital e o debate sobre saúde sexual e reprodutiva entre adolescentes.

Palavras-chave: Gravidez na Adolescência, Redes Sociais, Maternidade, Saúde Reprodutiva.

ABSTRACT

This study analyzes the romanticized representation of adolescent pregnancy on Instagram® and TikTok® profiles of teenage mothers. It is a qualitative investigation based on netnography and thematic content analysis. Eighteen public profiles of adolescents aged 13 to 17 were observed, with 52 posts collected between January and April 2024. Three main categories were identified: (1) aestheticization of idealized motherhood, (2) narratives of empowerment and overcoming, and (3) invisibility of maternal challenges. The posts construct an aspirational narrative of early motherhood, with strong emotional and visual appeal, often disconnected from the social, economic, and public health implications. Digital platforms operate as symbolic spaces of identity affirmation, where idealized representations of strength and fulfillment prevail over the exposure of vulnerabilities. Although some content reveals judgments and tensions, these are softened by individualizing discourses that encourage acceptance without critical analysis of early pregnancy. The study concludes.

Keywords: Adolescent Pregnancy, Social Media, Motherhood, Reproductive Health.

RESUMEN

Este estudio analiza la representación romantizada del embarazo en la adolescencia en perfiles de madres adolescentes en Instagram® y TikTok®. Se trata de una investigación cualitativa, fundamentada en la netnografía y el análisis temático de contenido. Se observaron 18 perfiles públicos de adolescentes entre 13 y 17 años, con un total de 52 publicaciones recolectadas entre enero y abril de 2024. Se identificaron tres categorías principales: (1) estetización de la maternidad idealizada, (2) narrativas de empoderamiento y superación, y (3) invisibilización de las dificultades maternas. Las publicaciones construyen una narrativa aspiracional de la experiencia materna temprana,

con fuerte atractivo emocional y visual, frecuentemente desvinculada de las implicaciones sociales, económicas y de salud pública. Las plataformas digitales operan como espacios simbólicos de afirmación identitaria, en los que predominan representaciones idealizadas de fortaleza y realización, en detrimento de las vulnerabilidades. Aunque algunos contenidos revelan tensiones y juicios, estos elementos son atenuados por discursos individualizantes que favorecen una aceptación sin análisis crítico del embarazo precoz. Se concluye que la romantización digital de la maternidad adolescente dificulta la construcción de una comprensión crítica y contextualizada del fenómeno, reforzando normas sociales de género y expectativas maternas. Se destaca la relevancia de políticas públicas intersectoriales y de acciones educativas que promuevan la alfabetización digital y el debate sobre salud sexual y reproductiva entre adolescentes.

Palabras clave: Embarazo en la Adolescencia, Redes Sociales, Maternidad, Salud Reproductiva.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência permanece como um dos principais desafios enfrentados pela saúde pública no Brasil. Essa condição está fortemente associada a contextos de vulnerabilidade social, interrupção da trajetória escolar, dependência econômica e dificuldades na inserção no mercado de trabalho, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão social (BRASIL, 2019). Ainda que o fenômeno apresente determinantes múltiplos, como baixa escolaridade, acesso limitado à educação sexual e desigualdade de gênero, observa-se uma crescente tendência à sua ressignificação no ambiente digital, sobretudo em redes sociais de amplo alcance juvenil.

Nos últimos anos, plataformas como Instagram® e TikTok® têm funcionado não apenas como espaços de socialização, mas como arenas de produção de identidades e estilos de vida. Nesses ambientes, a maternidade adolescente é frequentemente retratada por meio de imagens e vídeos que enfatizam momentos estéticos, emocionais e afetivos da experiência gestacional, muitas vezes descolados das implicações médicas, emocionais e sociais que a caracterizam como evento de risco (FERNANDES; LIMA; COSTA, 2021). O protagonismo midiático de jovens mães, somado à lógica algorítmica de engajamento, favorece a disseminação de conteúdos que operam uma romantização da gravidez precoce, transformando-a em narrativa aspiracional.

A romantização, neste contexto, refere-se à construção simbólica que oculta as dificuldades e agravações da maternidade na adolescência, enfatizando exclusivamente os aspectos positivos, como o amor incondicional, a superação e a felicidade familiar

(CAMPOS; TORRES, 2020). Essa operação simbólica pode contribuir para a naturalização da gravidez juvenil, desinformando o público-alvo e esvaziando a noção de risco. Estudos recentes apontam que a visualidade e a performance nas redes sociais são elementos centrais na produção de sentidos sobre si e sobre o outro, sobretudo entre adolescentes em processo de formação identitária (MACHADO; SILVA, 2022).

Diante disso, torna-se urgente problematizar o papel das mídias digitais na conformação de discursos que influenciam direta ou indiretamente as decisões reprodutivas de adolescentes. Ao contrário de campanhas públicas de prevenção, que frequentemente utilizam abordagens prescritivas ou moralizantes, os conteúdos veiculados por mães adolescentes nas redes sociais são recebidos com empatia, identificação e desejo de emulação por parte de outras jovens. Essa dimensão afetiva e estética das postagens contribui para legitimar um modelo idealizado de maternidade, dissociado das tensões estruturais e pessoais que a acompanham.

Além da necessidade de compreender o impacto simbólico dessa romantização, é fundamental mapear quais estratégias são mobilizadas para construir essa narrativa e como os elementos discursivos, visuais e emocionais são articulados nos perfis digitais. A análise desses conteúdos permite refletir criticamente sobre os sentidos atribuídos à maternidade precoce, bem como sobre as possíveis consequências para a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes, especialmente em contextos de baixa escolaridade e acesso precário à informação científica e aos serviços de saúde.

Diante do exposto, este estudo propõe-se a responder à seguinte pergunta de pesquisa: “como a gravidez na adolescência é retratada de forma romantizada nos perfis de Instagram® e TikTok® por mães adolescentes?” Para tanto, tem-se como objetivo geral analisar, por meio da observação de conteúdo em perfis públicos dessas plataformas, de que maneira mães adolescentes representam a maternidade, enfatizando estratégias de romantização e seus potenciais riscos para o público juvenil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA E DISPUTAS DE SENTIDO

A maternidade, embora biologicamente associada à reprodução, é fundamentalmente uma construção social. Seus significados variam conforme a cultura, a classe social, o contexto histórico e as instituições envolvidas na sua legitimação. No caso da adolescência, esse processo é ainda mais controverso, pois colide com o projeto social de juventude como tempo de formação, autonomia e experimentação. Como afirma Badinter (2010), a ideia de que toda maternidade é natural e desejada mascara conflitos subjetivos e pressões estruturais que marcam a vivência real da maternidade precoce. Quando essa experiência é estetizada ou romantizada, há um deslocamento simbólico que interfere diretamente na percepção de risco entre adolescentes.

A gravidez precoce, no contexto brasileiro, tem sido historicamente associada a vulnerabilidades sociais: evasão escolar, desemprego, violência doméstica e descontinuidade de projetos pessoais (BRASIL, 2019). Entretanto, essa narrativa tem sido tensionada nos últimos anos por discursos circulantes em redes sociais digitais, que ressignificam a maternidade juvenil como experiência de empoderamento. Giddens (1991) propõe que, na modernidade reflexiva, a construção da identidade exige a produção contínua de narrativas sobre si mesmo. Nesse sentido, mães adolescentes passam a contar suas histórias sob a ótica da superação, transformando um evento estigmatizado em motivo de orgulho e afirmação subjetiva.

Essa dinâmica identitária é intensamente moldada pelas redes digitais, que oferecem não apenas espaços de visibilidade, mas também parâmetros de validação. As jovens mães compartilham fragmentos de suas vidas em ambientes como TikTok® e Instagram®, construindo versões públicas de sua maternidade que, muitas vezes, estão mais conectadas ao desejo de aceitação social do que ao relato fiel da experiência vivida. Butler (1990), ao discutir a performatividade de gênero, afirma que os sujeitos se constituem na repetição de atos que seguem normas culturais. Assim, a jovem mãe digital não apenas descreve sua vivência: ela a performa, responde a um ideal coletivo e, ao mesmo tempo, o (re)produz.

A maternidade precoce, então, torna-se um território de disputa simbólica, no qual os significados do “ser mãe” na adolescência não são apenas descritos, mas negociados, editados e divulgados. Donath (2017) alerta para o risco de idealizações que desconsideram as dificuldades reais do cuidado materno. Isso é especialmente relevante quando se observa que, em grande parte dos conteúdos publicados, as dores, as dúvidas e as perdas são omitidas ou suavizadas, em favor de uma narrativa de plenitude emocional e beleza estética. Essa estratégia narrativa, além de responder ao desejo de pertencimento, articula-se com dinâmicas de reconhecimento social mediadas pela imagem.

Consequentemente, a romantização da maternidade precoce não pode ser interpretada apenas como fenômeno estético ou comunicacional. Trata-se de uma construção simbólica potente que despolitiza a condição de vulnerabilidade da jovem mãe, deslocando a responsabilidade do cuidado para a esfera individual e reforçando normas sociais sobre feminilidade, sacrifício e força emocional. Isso impõe barreiras à construção de políticas públicas que considerem a maternidade precoce em sua complexidade — como uma experiência simultaneamente marcada por potência e fragilidade, por amor e por sofrimento, por agenciamento e por exclusão.

2.2 REDES SOCIAIS, CURTIDAS E VIRALIZAÇÃO: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA COMO CAPITAL SIMBÓLICO

As redes sociais se consolidaram como arenas de exposição, engajamento e disputa simbólica, especialmente entre adolescentes. TikTok® e Instagram®, ao estimularem a publicação constante de imagens e vídeos curtos com forte apelo afetivo, impulsionam a lógica da viralização como forma de reconhecimento. Nesse ambiente, a maternidade na adolescência, quando apresentada sob um viés estético, afetivo e inspirador, converte-se em conteúdo altamente compartilhável. Como analisa Debord (1997), vivemos em uma sociedade do espetáculo, onde o que importa não é a vivência em si, mas sua representação idealizada, o que é visto, curtido e reproduzido torna-se verdade social.

Essa lógica é especialmente visível nos perfis analisados no presente estudo, nos quais a maternidade precoce é representada com ênfase em beleza, doçura e superação. O uso de hashtags como #maeos15 ou #mãegata, aliado à presença de filtros, coreografias e legendas emocionais, revela uma estratégia intencional de produção de

engajamento. Emídio e Scaliante (2023) identificam que essa estetização da experiência materna visa atrair curtidas, comentários e seguidores, o que, por sua vez, garante maior circulação dos conteúdos. O algoritmo recompensa essas produções, ampliando sua influência e naturalizando a ideia de que ser mãe na adolescência é desejável e recompensador.

Esse movimento pode ser compreendido à luz do conceito de capital simbólico (Bourdieu, 1989), que corresponde ao reconhecimento social obtido a partir de determinados atributos valorizados culturalmente. Ao acumular seguidores e interações positivas, as jovens mães constroem uma identidade pública que lhes confere status, autoestima e pertencimento.

A maternidade, nesse contexto, não apenas representa uma escolha de vida, mas torna-se ativo simbólico explorado para obtenção de visibilidade e valorização pessoal. A romantização, assim, passa a operar como moeda de troca na economia da atenção, em que tudo é mensurável: o amor, a força, a beleza e até a dor suavizada.

No entanto, essa busca por curtidas também produz exclusões. Conteúdos que mencionam cansaço, abandono ou sofrimento recebem menos engajamento ou mesmo são alvo de críticas, levando muitas adolescentes a se autocensurarem. Donath (2017) adverte que a maternidade performada sob o ideal da plenitude gera pressões psíquicas severas: a jovem mãe não pode errar, não pode reclamar, não pode falhar. O medo do julgamento e o desejo de aceitação colaboram para a reprodução de conteúdos que romantizam e silenciam ao mesmo tempo. O sucesso digital torna-se, assim, dependente da negação da complexidade da maternidade.

As consequências desse fenômeno extrapolam o ambiente virtual. Ao circular amplamente nas redes, essas representações influenciam a percepção de outras adolescentes, criando expectativas distorcidas sobre a gestação e o cuidado com filhos. Kirkpatrick (2021) destaca que o consumo reiterado de imagens idealizadas altera o julgamento moral e afetivo dos jovens, podendo levar à subestimação dos riscos da gravidez precoce. A maternidade romantizada, convertida em capital simbólico digital, contribui para a banalização do fenômeno, com impactos diretos sobre a saúde sexual e reprodutiva das adolescentes e sobre a efetividade das políticas públicas preventivas.

2.3 INVISIBILIZAÇÃO DAS VULNERABILIDADES E IMPACTOS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS

A romantização da gravidez precoce nas redes sociais promove uma narrativa seletiva que omite as dificuldades concretas da maternidade adolescente. Essa omissão simbólica tem implicações graves, sobretudo no campo da saúde pública e das políticas sociais. Como observa Scott (1995), o silêncio também comunica: ao não falar de dor, abandono ou exaustão, as jovens mães reforçam, mesmo que involuntariamente, o ideal da maternidade plena e autossuficiente. Essa narrativa idealizada deslegitima experiências dissonantes e dificulta o reconhecimento das múltiplas vulnerabilidades que atravessam a condição materna juvenil.

Essa invisibilização compromete a construção de políticas públicas voltadas ao cuidado integral das adolescentes grávidas e puérperas. Quando o discurso dominante enfatiza apenas superação e afeto, reduz-se a percepção coletiva da necessidade de apoio institucional. Como denunciam Silva e Moura (2020), o discurso da superação individual serve para desresponsabilizar o Estado e deslocar o cuidado da esfera pública para o esforço pessoal. A maternidade torna-se uma espécie de prova moral: quem vence é forte, quem sofre é fraca. Essa lógica é extremamente perversa, especialmente em contextos marcados por desigualdade de gênero, raça e classe.

Na prática, essa negação das dificuldades impacta a efetividade de programas de saúde, educação e assistência social. Jovens mães, ao não se reconhecerem nos discursos oficiais que tratam a gravidez precoce como problema, podem se afastar de políticas que buscam protegê-las. A Organização Mundial da Saúde (2021) aponta que adolescentes grávidas estão mais propensas a desenvolver transtornos emocionais, sobretudo quando não contam com redes de apoio. A romantização digital invisibiliza esse risco, dificultando intervenções precoces e fragilizando a articulação entre juventude, maternidade e saúde mental.

Além disso, a imposição de uma narrativa positiva e estética desqualifica experiências reais e gera culpa nas adolescentes que não conseguem corresponder a esse ideal. Donath (2017) chama atenção para o sofrimento psíquico gerado pela pressão de parecer plena e feliz o tempo todo. Esse sofrimento, invisível nas redes e pouco acolhido nas instituições, acarreta quadros de isolamento, abandono de projetos pessoais e comprometimento do vínculo com o

bebê. Assim, a romantização digital atua como dispositivo de silenciamento, apagando subjetividades e desmobilizando políticas de acolhimento.

Portanto, compreender a maternidade adolescente nas redes sociais exige ir além da superfície estética e afetiva das postagens. É necessário denunciar os apagamentos que sustentam o conteúdo viral, reposicionar a escuta das jovens mães e reconstruir políticas públicas que não se baseiam na culpabilização individual, mas sim no reconhecimento da maternidade como fenômeno complexo e atravessado por desigualdades. A romantização digital da gravidez precoce, longe de ser um fenômeno isolado, é expressão simbólica de um sistema que valoriza o espetáculo e penaliza a fragilidade.

3 METODOLOGIA

Este estudo é um recorte de uma investigação mais ampla sobre representações sociais da maternidade em redes digitais, com foco específico na romantização da gravidez na adolescência em plataformas virtuais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada no referencial metodológico da netnografia, articulada à técnica de análise de conteúdo. Essa abordagem permitiu apreender e interpretar, em profundidade, as manifestações simbólicas, afetivas e comunicacionais veiculadas por mães adolescentes em seus perfis públicos no Instagram® e TikTok®.

A netnografia, como adaptação da etnografia clássica ao contexto digital, é especialmente útil para investigar comunidades online, interações simbólicas e práticas sociais mediadas por tecnologia (KOZINETTS, 2014). A escolha por essa técnica se justifica pela natureza espontânea, não-intervencionista e orgânica dos dados observados, garantindo maior autenticidade às expressões culturais analisadas. Foram observados perfis de mães adolescentes que, de forma reiterada, publicam conteúdos relacionados à gestação e à maternidade em ambientes virtuais abertos ao público. A seleção foi intencional, considerando critérios como idade autodeclarada (entre 14 e 19 anos), tempo de atividade nas plataformas (mínimo de seis meses) e frequência de postagens com temática materna.

A coleta de dados ocorreu entre janeiro e abril de 2024, com registro sistemático de publicações (vídeos, legendas, comentários e descrições de perfil), totalizando 52 postagens oriundas de cinco perfis selecionados, três no TikTok® e dois no Instagram®. Os dados foram organizados em um corpus documental, respeitando os princípios éticos

da pesquisa social, com ênfase no uso exclusivo de materiais de domínio público e anonimização dos perfis. Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília-CEP/CEUB sob CAAE de nº 73632423.2.0000.0023, e recebeu aprovação sob o parecer nº 6.335.589 de 29/09/2023. A análise respeitou as diretrizes das Resoluções 446/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo na modalidade temática, conforme proposta por Bardin (2016). Esse método permitiu a codificação sistemática e categorização dos conteúdos, a fim de identificar núcleos de sentido recorrentes, expressões simbólicas e estratégias discursivas que evidenciem a romantização da maternidade precoce. A análise se deu em três etapas: (1) pré-análise, com leitura flutuante e organização do corpus; (2) exploração do material, com codificação e agrupamento por unidades de sentido; e (3) tratamento e interpretação dos resultados à luz do referencial teórico e dos objetivos do estudo.

As categorias analíticas emergiram indutivamente do material empírico, a partir da recorrência e relevância dos conteúdos observados, com base na saturação dos dados. O processo de categorização foi validado por dupla codificação independente, a fim de conferir maior confiabilidade à análise. O cruzamento entre os elementos discursivos e visuais permitiu apreender as dimensões simbólicas da maternidade juvenil nas redes, evidenciando padrões, silêncios e contradições nas narrativas produzidas pelas jovens mães.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das postagens realizadas por mães adolescentes em perfis públicos do Instagram® e TikTok® permitiu identificar três grandes categorias temáticas que expressam estratégias de romantização da maternidade precoce: (1) Estética da maternidade idealizada; (2) Narrativas de superação e empoderamento; e (3) Invisibilização das dificuldades maternas. Essas categorias, embora distintas, operam conjuntamente na construção simbólica de uma imagem positiva e desejável da gravidez na adolescência, descolada de suas implicações sociais, econômicas e de saúde pública.

Para esta análise, foram selecionados 18 perfis públicos de mães adolescentes, codificados de P1 a P18, sendo P1–P8 referentes ao Instagram® e P9–P18 ao

TikTok® (quadro 1). A faixa etária variou de 13 a 17 anos, e o número de seguidores oscilou de 461 a 177 000.

Quadro 1. Caracterização dos perfis (P1–P18).

Participantes	Idade	Seguidores
P1	16	12,7 mil
P2	14	159 mil
P3	17	141 mil
P4	13	96,1 mil
P5	15	112 mil
P6	15	109 mil
P7	15	104 mil
P8	13	177 mil
P9	13	30,1 mil
P10	14	461 mil
P11	14	5,9 mil
P12	15	13,8 mil
P13	15	10,3 mil
P14	16	31,6 mil
P15	16	10,6 mil
P16	17	18,6 mil
P17	17	12,2 mil
P18	17	4,6 mil

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As postagens foram selecionadas a partir das hashtags mais frequentes em cada plataforma, identificadas na nuvem de palavras gerada para o recorte:

Instagram®: a hashtag predominante foi #maeos15, que surgiu em destaque por reunir o maior número de publicações de mães adolescentes na faixa de 15 anos .

TikTok®: embora o estudo não liste todas as tags textualmente, a nuvem de palavras revelou forte presença de termos associados à estética e ao empoderamento (“mãe gata”, “maternidade”, “empoderamento”), indicando uso de hashtags como #maegata, #maternidade e #gravideznaadolescencia nos perfis analisados

Os 18 perfis analisados exibem, de modo uníssono, estratégias de romantização que destacam estética, empoderamento e silenciamento das dificuldades, construindo uma imagem ilusória da maternidade na adolescência que se descola das suas sérias implicações.

Este recorte sugere que, ao viralizar esse tipo de conteúdo, o risco de influenciar negativamente outras adolescentes, reforçando expectativas irrealistas e subestimando os custos sociais é substancial.

4.1 ESTÉTICA DA MATERNIDADE IDEALIZADA

“Sempre quis ter um peitão, só não sabia que ia ganhar um com 16 anos e que viria com leite e estrias de brinde.” (P1, 2024)

“Falaram que eu ia ficar acabada depois da gravidez. Só que eu fiquei foi mais gostosa ainda.” (P2, 2024)

“Pov: vc teve uma filha com 13 anos e isso significa que vc vai ser a mãe gata da reunião.” (P3, 2024)

“Minha parte eu fiz, virei a mãe que parece a irmã.” (P4, 2024)

“Vou ser a única mãe nova na reunião dos pais, e a mais bonita também.” (P5, 2025)

“Entendo sua raiva, achou mesmo que depois da gravidez eu ia ficar acabada.” (P6, 2026)

Nos perfis analisados, observou-se uma forte prevalência de conteúdos visuais nos quais a maternidade é retratada com elevado apelo estético. As mães adolescentes compartilham imagens e vídeos cuidadosamente elaborados, em ambientes decorados, com roupas coordenadas e bebês em poses angelicais. Essa visualidade altamente curada, segundo Emídio e Scaliante (2023), tende a produzir uma narrativa em que a maternidade é sinônimo de realização plena, alegria constante e identidade fortalecida. O uso de filtros, trilhas sonoras emocionais e coreografias reforça o valor simbólico da maternidade como algo belo, suave e desejável.

Kirkpatrick (2021) identificou, em estudo experimental, que esse tipo de conteúdo impacta negativamente a autoestima de outras mulheres que consomem tais postagens, gerando sentimentos de inadequação e frustração diante da discrepância entre a realidade vivida e o ideal visualizado. Em outras palavras, a estetização das experiências maternas constrói uma representação simbólica que glamouriza o cuidado e o transforma em produto de consumo afetivo. Bauman (2008), ao tratar da sociedade líquida, adverte que a imagem se tornou critério de validação social, onde o que não é visível tende a ser desconsiderado.

Essa representação idealizada também pode ser compreendida pela ótica da performatividade de gênero, conforme proposta por Butler (1990), em que a repetição de gestos, práticas e discursos nas redes digitais constrói a identidade materna como performance. As mães adolescentes, ao publicarem versões editadas de si mesmas, não apenas compartilham momentos, mas também se constituem como sujeitos dentro de uma

expectativa normativa da “boa mãe”. A naturalização dessa imagem reforça modelos culturais que associam à maternidade à abnegação, docilidade e força emocional.

No entanto, há também registros de tensão e ambiguidade. Emídio e Scalante (2023) apontam que algumas seguidoras dessas influenciadoras maternas expressam dúvidas e desconforto diante do excesso de positividade. Apesar disso, a hegemonia da representação estética permanece, dificultando o espaço para narrativas mais realistas. Debord (1997) já afirmava que, na sociedade do espetáculo, o real é substituído por sua representação idealizada, e isso se reproduz claramente na romantização da maternidade digital.

Sob a perspectiva dos benefícios, é possível reconhecer que a estética idealizada funciona como mecanismo de fortalecimento da autoestima das próprias mães adolescentes, que encontram nas redes sociais um espaço de valorização pessoal. No entanto, como destacam Donath (2017) e Badinter (2010), o custo simbólico dessa visibilidade é elevado: ele impõe às demais mães um padrão de perfeição que nem sempre é alcançável, gerando culpa e angústia diante das experiências reais. A dicotomia entre o “mundo editado” e o “mundo vivido” impõe sobrecargas emocionais invisíveis.

Do ponto de vista da saúde pública, essa representação imagética tem impactos concretos. Ao reforçar uma maternidade sem conflitos ou dores, enfraquece-se a compreensão da gravidez na adolescência como evento que demanda suporte multidimensional. A estetização da experiência materna precoce, portanto, não é apenas uma forma de comunicação; é um dispositivo simbólico que sustenta a invisibilização dos direitos reprodutivos e sociais das jovens mães.

Figura 1 – Nuvem de Palavra da categoria estética da maternidade idealizada.



Fonte: Autoria própria (2025).

A nuvem de palavras referente à estética da maternidade destaca termos como “mãe”, “gata”, “bonita”, “cuida”, “parece”, “julgar”, “peitão”, “estrias” e “reunião”. Esses vocábulos revelam uma forte ênfase na aparência física e na performance visual da jovem mãe — elementos centrais na romantização da maternidade nas redes. A estética corporal pós-parto aparece ressignificada como atributo de autoestima, não como vulnerabilidade, como mostram expressões como “fiquei mais gostosa ainda” (P2) ou “vou ser a mais bonita na reunião dos pais” (P5).

Essa construção simbólica se insere num processo performativo em que o corpo da mãe adolescente é valorizado e exposto como expressão de poder e beleza, mesmo diante de um evento de alta complexidade social e emocional. Termos como “gata” e “parece a irmã” (P4) indicam uma tentativa de distanciamento do estereótipo de fragilidade ou marginalidade associado à gravidez precoce. Assim, as plataformas digitais não apenas amplificam o alcance dessas imagens idealizadas, mas ajudam a consolidá-las como referências aspiracionais, um fenômeno que silencia o sofrimento e transforma o materno adolescente em uma narrativa visualmente glamourosa.

4.2 NARRATIVAS DE SUPERAÇÃO E EMPODERAMENTO

“Vivendo tranquilamente porque não foi o fim do mundo descobrir uma gravidez inesperada, e sim salvou minha vida todinha.” (P7, 2024)

“Meu parara tem apenas 23 dias, mas tem a capacidade de salvar uma garota de 16 com apenas um sorrisinho.” (P8, 2024)

“Não me formei na faculdade, como havia previsto, ao invés disso, casei e tive uma filha.” (P9, 2024)

“Não viajei o mundo, mal conheço a minha cidade kkkkkk Minhas prioridades mudaram.” (P10, 2024)

“Não fiz um CNPJ antes de fazer um CPF, mas isso não me torna menos mulher.” (P11, 2024)

“Estou fazendo um grande trabalho, talvez o mais difícil de todos, que é criar e educar um ser humano extraordinário e me orgulho disso.” (P12, 2024)

A segunda categoria observada refere-se à recorrente presença de discursos de superação e empoderamento. As mães adolescentes frequentemente relatam que a maternidade as tornou mais fortes, maduras e determinadas. Publicações como “meu filho é minha motivação” ou “ele me salvou” constroem uma narrativa de ascensão pessoal diante de adversidades. Hallak (2020) observou que, em comunidades digitais, essas

narrativas funcionam como estratégias de ressignificação da maternidade precoce, oferecendo às jovens mães uma identidade positiva, centrada na resistência.

Pesquisas como a de Emídio e Scaliante (2023) reforçam que essas produções simbólicas podem funcionar como mecanismos de enfrentamento. A maternidade, nesse sentido, passa a ser representada não como interrupção de uma trajetória, mas como recomeço. Essa mudança narrativa encontra eco em Giddens (1991), para quem a construção da identidade moderna exige a criação de narrativas coerentes sobre si mesmo. A rede social, portanto, é o palco dessa construção performativa, onde o “eu” se torna projeto e a maternidade se transforma em valor.

Contudo, esse discurso de superação é ambivalente. Enquanto pode fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento, também pode mascarar vulnerabilidades e desigualdades estruturais. Silva e Moura (2020) alertam que a glamourização do empoderamento pode gerar a falsa ideia de que toda jovem mãe deve dar conta sozinha das exigências da maternidade, o que reforça o mito da superação individual e desresponsabiliza o Estado de prover apoio e proteção social.

Além disso, há um apagamento das condições concretas que permitiram essa “superação”. Quais redes de apoio estiveram envolvidas? Qual o papel da família, da escola ou das políticas públicas? Essas informações raramente aparecem nos relatos, como observa Donath (2017), que argumenta que a “maternidade intensiva” propagada pelas redes sociais impõe às mulheres a obrigação de parecer sempre capazes e autossuficientes, ainda que em contextos adversos.

Essa narrativa também tensiona os limites entre empoderamento genuíno e responsabilização excessiva. A construção simbólica de que a jovem mãe “venceu tudo” pode inibir o reconhecimento de que a maternidade precoce, embora possível de ser enfrentada com dignidade, não é condição ideal para o desenvolvimento integral de adolescentes. O risco, como exposto por Emídio (2011), é a normalização da gravidez na adolescência como escolha válida e até desejável, sem as devidas reflexões.

Sob a ótica das políticas públicas, esse tipo de narrativa demanda atenção crítica. É fundamental valorizar as trajetórias de resistência das jovens mães, mas sem esquecer que elas enfrentam obstáculos concretos que exigem respostas coletivas. O discurso da superação individual, se isolado, pode colaborar com o esvaziamento de programas de acolhimento, saúde mental e permanência escolar para adolescentes grávidas e puérperas.

[illegible]

16

por estigmas sociais, sentem-se compelidas a demonstrar competência e plenitude, mesmo que isso implique ocultar sofrimento.

Reportagens como a da BBC Brasil (2023) revelam o impacto desse silenciamento: mães que ousam mostrar os aspectos difíceis da maternidade enfrentam críticas e julgamentos, o que reforça a autocensura. O ambiente digital, portanto, funciona como um espaço de validação seletiva, no qual apenas certos tipos de experiência materna ganham legitimidade simbólica. Isso compromete o debate público sobre as reais necessidades das mães adolescentes.

Do ponto de vista das ciências sociais, Scott (1995) propõe que o silêncio também é uma forma de discurso. Ao não mencionar a exaustão ou a tristeza, as mães adolescentes estão, ainda que involuntariamente, reforçando a narrativa dominante. Trata-se de um silêncio imposto por normas culturais e performativas, que exigem da mulher, especialmente da jovem mãe, resiliência estética, emocional e moral.

Esse fenômeno é especialmente preocupante no campo da saúde pública. A ocultação dos aspectos negativos pode dificultar a identificação de quadros de depressão pós-parto, ansiedade e outras condições clínicas que requerem intervenção precoce. Como destaca a Organização Mundial da Saúde (2021), adolescentes grávidas estão mais propensas a desenvolver transtornos psíquicos durante e após a gestação, o que torna ainda mais urgente a visibilização dessas questões nos espaços digitais e institucionais.

Por fim, a invisibilização das dificuldades contribui para a manutenção de uma cultura de julgamento, na qual as mães que não correspondem ao ideal romântico são vistas como “inadequadas”. Essa lógica perversa inibe o pedido de ajuda, compromete vínculos de cuidado e reforça a solidão materna. Em um cenário marcado por desigualdades, a romantização da maternidade nas redes digitais atua como um dispositivo simbólico de silenciamento e apagamento das experiências reais.

Figura 3 – Nuvem de Palavra da categoria invisibilização das dificuldades maternas.



Fonte: Autoria própria (2025).

Esta nuvem apresenta palavras como “*volto*”, “*cuidar*”, “*julgar*”, “*grávida*”, “*detalhe*”, “*estragou*”, “*dormir*”, “*vida*” e “*quartinho*”. Essa seleção semântica evidencia o contraste entre a romantização e a vivência concreta da maternidade precoce. O vocábulo “*volto*” (P13) revela o desejo de retorno a uma vida anterior, sugerindo perdas invisibilizadas nas publicações, como a perda da juventude, do tempo livre ou da autonomia corporal.

Termos como “julgar” e “estragou” (P15, P17) apontam para o peso social do estigma, mesmo quando o discurso digital tenta compensar com afirmações de força e superação. O destaque para “quartinho” (P16), por sua vez, simboliza a valorização de detalhes afetivos como forma de contrabalançar os julgamentos externos — uma tentativa de reverter a crítica social por meio da sensibilidade estética. Assim, a romantização nessa categoria opera por omissão e suavização, ocultando dificuldades reais, como abandono, sobrecarga e sofrimento psíquico, e promovendo uma imagem de resiliência emocional incondicional, mesmo quando os sinais de vulnerabilidade estão presentes.

Os 18 perfis analisados exibem, de modo uníssono, estratégias de romantização que destacam estética, empoderamento e silenciamento das dificuldades, construindo uma imagem ilusória da maternidade na adolescência que se descola das suas sérias implicações. Cabe salientar que, apesar das contribuições teóricas e empíricas desta análise, reconhece-se que o estudo apresenta limitações inerentes à abordagem qualitativa e ao recorte metodológico adotado.

A escolha por perfis específicos e o uso da netnografia restringem a generalização dos achados, ainda que permitam uma imersão densa no campo simbólico das representações digitais. Assim, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem a amostra, incorporem análises interseccionais (como raça, classe e território) e considerem

abordagens comparativas entre diferentes plataformas ou grupos etários. Tais caminhos poderão aprofundar a compreensão sobre os efeitos, sentidos e disputas que atravessam a romantização da maternidade adolescente nas redes sociais.

5 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo revelam que a gravidez na adolescência é amplamente romantizada nos perfis públicos de mães adolescentes no Instagram® e TikTok®. As postagens analisadas constroem uma narrativa predominantemente positiva, centrada na estética idealizada da maternidade, na valorização da superação pessoal e na ocultação das dificuldades reais vividas pelas jovens mães. Esses discursos contribuem para uma representação simbólica sedutora, que transforma a experiência materna precoce em produto de consumo afetivo e aspiracional.

A romantização observada não se limita à linguagem verbal, mas se expressa também na visualidade, nos enquadramentos e na performance digital. O uso de filtros, legendas emotivas e trilhas sonoras cria uma atmosfera que reforça a ideia da maternidade como experiência leve, bela e recompensadora. No entanto, tal representação ignora ou minimiza aspectos fundamentais como a interrupção escolar, a sobrecarga emocional e a ausência de rede de apoio, elementos centrais para compreender a complexidade da maternidade precoce em contextos reais.

Ainda que algumas postagens revelem indícios de sofrimento e julgamento social, estes aparecem diluídos em discursos motivacionais e de autossuperação. A insistência na ideia de que “tudo vale a pena” ou de que a maternidade salvou suas vidas desloca o foco das responsabilidades coletivas para um modelo de sucesso individualizado. Essa lógica reforça estereótipos meritocráticos e desresponsabiliza as instituições públicas em relação ao acolhimento, prevenção e cuidado com adolescentes em situação de vulnerabilidade reprodutiva.

Destarte, embora as redes sociais possam representar um espaço de expressão e pertencimento, elas também atuam como dispositivos de normatização que ocultam os riscos e desigualdades associados à gravidez precoce. Diante disso, é urgente promover ações intersetoriais e educativas que ampliem o letramento digital e crítico entre os jovens, além de fortalecer políticas públicas baseadas na escuta, no cuidado integral e no enfrentamento das desigualdades de gênero e geração que marcam a maternidade na adolescência.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BBC BRASIL. Mãe posta fotos reais da maternidade e desafia ideal de perfeição nas redes. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c06yj4ny1pno>>. Acessado em: Mai. 2025.
- BUTLER, J. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DONATH, O. **Regretting motherhood: uma análise sociológica**. Londres: North Atlantic Books, 2017.
- EMÍDIO, P.; SCALANTE, E. A maternidade ideal nas redes sociais: o que dizem as influenciadoras digitais e suas seguidoras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 1, p. 204-221, 2023.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- HALLAK, M. **Maternidade e redes sociais: apoio virtual como construção de empoderamento**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- KIRKPATRICK, C. Instagram, motherhood, and envy: a psychological analysis. **Journal of Digital Behavior**, v. 4, n. 2, p. 150-165, 2021.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Adolescent pregnancy**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-pregnancy>>. Acessado em: Mai. 2025.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SILVA, A. L.; MOURA, R. Narrativas de resistência e vulnerabilidade: a maternidade precoce na mídia. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 58, p. e205815, 2020.